



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Uma leitura da infâmia em Walter Benjamin e Michel Foucault

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler

Edelu Kawahala¹

Resumen:

Tanto Foucault quanto Benjamin estão inscritos na tradição crítica do pensamento moderno e suas similaridades cruzam-se no momento em que eles problematizam, cada qual a seu modo, o tempo presente. Essa tarefa desdobrasse em uma incursão pela história não através do resgate dos dados biográficos, mas sim pela leitura peculiar das infames políticas de (des) subjetivação. Por exemplo, se Benjamin realiza um estudo sobre a literatura moderna, o faz com a finalidade de percorrer as margens da escritura, capturando elementos que auxiliam a pensar o mundo moderno a partir da perspectiva transversal da perda da experiência ou da mercantilização do escritor. Já Foucault procura situar, nas suas análises, o movimento de deslocamento da função-autor, bem como a instituição de uma política da revolta voltada para as relações e práticas que objetivam o sujeito. A infâmia seria a porta de entrada para a analítica de uma época marcada pela heterogeneidade, pois enquanto Benjamin situa os poemas baudelerianos em oposição ao estilo de vida burguês, Foucault procura extrair dos arquivos algumas antologias da existência que só tornam-se visíveis graças ao choque com o poder. Nossa tarefa é empreender um olhar sobre esse conceito nesses intelectuais a partir de uma perspectiva crítica.

¹ UFSC (Brasil). Correos electrónicos: diazsoler@gmail.com; edeluk@gmail.com



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Uma leitura da infâmia em Walter Benjamin e Michel Foucault

INTRODUÇÃO

Tanto Foucault quanto Benjamin estão inscritos na tradição crítica do pensamento moderno e suas similaridades cruzam-se no momento em que eles problematizam, cada qual a seu modo, o *tempo presente*. Essa tarefa desdobrasse em uma incursão pela história não através do resgate dos dados biográficos, mas sim pela leitura peculiar das infames políticas de (des) subjetivação. Por exemplo, se Benjamin realiza um estudo sobre a literatura moderna, o faz com a finalidade de percorrer *as margens da escritura*, capturando elementos que auxiliam a pensar o mundo moderno a partir da perspectiva transversal da perda da experiência ou da mercantilização do escritor. Já Foucault procura situar, nas suas análises, o movimento de deslocamento da função-autor, bem como a instituição de uma política da revolta voltada para as relações e práticas que objetivam o sujeito.

A infâmia seria a porta de entrada para a analítica de uma época marcada pela heterogeneidade, pois enquanto Benjamin situa os poemas baudelerianos em oposição ao estilo de vida burguês, Foucault procura extrair dos arquivos algumas *antologias da existência* que só tornam-se visíveis graças ao choque com o poder. Nossa tarefa é empreender um olhar sobre esse conceito nesses intelectuais a partir de uma perspectiva crítica.

ALEGORIAS INFAMES DO MUNDO MODERNO SEGUNDO WALTER BENJAMIN



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

As primeiras palavras do texto *Experiência e Pobreza* apontam para a condição de miserabilidade do homem moderno.² Quando Benjamin invoca a crítica no conjunto discursivo de suas reflexões, acaba problematizando o fato de que, na modernidade, a memória é esfacelada não permitindo ao sujeito a construção de uma experiência coletiva. Uma das conseqüências mais significativa desse esfacelamento é a própria perda da experiência. Quase como máquina, o indivíduo segue absorvido pelos afazeres cotidianos permanecendo em estado de anestesia. Tragado pelo excesso de informações que a modernidade apresenta-lhe, não há mais tempo a perder. Conforme sugere Benjamin:

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não eles aspiram libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e claramente sua pobreza externa e interna, que algo descente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes podemos afirmar o oposto: eles “devoram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficam saciados e exaustos. “você estão todos cansados – e tudo porque não concentram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples, mas absolutamente grandioso.” Ao contrário, segue-se o sono, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia por falta de forças.³

Na realidade, o que está em jogo nessa degradação da experiência coletiva é a batalha entre o real e o imaginário, entre o estado de vigília/sonho e a realidade, entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Mais do que nunca é preciso correr, existem muitas informações a serem adquiridas, dando ao sujeito a sensação eterna de atraso e de incompletude. Larrosa adverte que todo esse acúmulo de informação não é experiência, justamente porque a informação cessa a possibilidade de contemplação. Segundo afirma Larrosa:

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre que aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que

² Benjamin, Walter. “Experiência e Pobreza”, (1933) Tradução de Sergio Paulo Rouanet, Benjamin, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, Brasiliense, São Paulo, 1994, pp. 114 – 119.

³ Benjamin, Walter. “Experiência e Pobreza”, (1933) Tradução de Sergio Paulo Rouanet, Benjamin, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, Brasiliense, São Paulo, 1994, pp. 114 – 119. p. 118.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo.⁴

A incompletude do tempo e a pobreza da experiência são características que atingem em cheio o coração do indivíduo. No entanto, é preciso que se pergunte: a saída de uma *erlebinis* para uma *erfahrung* implica num posicionamento, numa escolha? A resposta para esse questionamento é positiva, na medida em que o pensamento de Benjamin indica-nos a possibilidade concreta de inferirmos um ato de resistência que marca a transição de uma vivência individual, para a construção de uma experiência que desdobrasse numa luta contra os modos de vida de uma sociedade capitalista.

A infâmia do mundo moderno se faz presente tanto pela crítica ao capitalismo, quanto pela crítica em relação à modernidade e a maior representação de tal alegoria da infâmia preconizada por Benjamin encontra seu duplo nos textos e poemas de Baudelaire, o poeta maldito responsável por invocar em seus textos fragmentos daquilo que causara repugnância ao puritanismo vitoriano a partir de uma escrita que reflete um esboço da realidade parisiense no segundo império. Ao produzir uma literatura crítica, Baudelaire está interessado não construir uma arte de vanguarda como os grandes escritores franceses como Victor Hugo, por exemplo, mas sim em percorrer as margens do mundo moderno denunciando a corrupção da escrita, a mercantilização dos objetos e sujeitos, por exemplo.

Ao determos um olhar sobre o poema *Crepúsculo Vespertino*, localizamos uma leitura singular sobre o cotidiano de uma grande cidade. No entanto, o que permanece nas entrelinhas daquelas frases são as pequenas antologias da infâmia. Isto é, todo um conjunto de estilhaços que registram a presença daqueles personagens alheios ao capitalismo, pois se sob a luz do dia, as ruas estão repletas de transeuntes apressados e ocupados com suas atividades corriqueiras, ao cair da noite estas mesmas ruas são ocupadas pela escória. A prostituta, o jogador, o marginal, todos fazendo parte de uma nova trama da *urbe*. Personagens que compõem o lado trágico e desprezível da vida para o qual a sociedade burguesa insiste em não olhar. Personagens que compõem a barbárie do mundo moderno.

⁴ Bondía Larrosa, Jorge, “Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência”. In: Revista Brasileira de Educação, Nº 19, Campinas, 2002, pp. 20 – 28. p. 23.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Neste sentido, pensar o Baudelaire de Walter Benjamin significa entender a construção de um conjunto argumentativo que potencializa a insurreição literária das vozes silenciadas pelo capitalismo. Dessa maneira, tanto Benjamin quanto Baudelaire interessam-se em registrar nos seus discursos, não somente a dimensão estética, valorizada na apologia do mundo moderno, mas também inferem uma crítica em relação aos elementos da realidade presentes no contexto urbano.

Desta forma, o que Benjamin nos ensina é a construção de uma experiência coletiva que serve para pensarmos o mundo contemporâneo a partir das figuras infames que compõem essa realidade. O que abre-se de acordo com essa perspectiva é conceitualização desses múltiplos personagens, dessas múltiplas vozes que fazem ecoar no exato momento em que a crítica manifesta-se procurando esboçar uma compreensão da realidade que trava uma luta contra as formas de dominação e alienação provocada pela sociedade da técnica.

A INFÂMIA EM FOUCAULT



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Michel Foucault dizia que uma das maiores funções da filosofia na modernidade seria a de procurar instituir um diagnóstico do tempo presente. Essa tarefa desdobrasse numa problematização dos discursos, das práticas e dos processos de subjetivação, não com a finalidade de resgatar nossa essência, mas sim para empreender uma leitura crítica da realidade com a finalidade de construir uma ontologia histórica de nós mesmos.⁵

A Vida dos Homens Infames é um desses diagnósticos. Este texto de 1977 produz no seu conjunto argumentativo, uma estranheza singular, pois conforme lembra Foucault, ele não é composto por antecedentes biográficos, mas por *antologias da existência*.⁶ São fragmentos discursivos reunidos em poucas linhas graças à inquirição de um determinado aparato repressivo. Um laudo psiquiátrico ou uma condenação judiciária, por exemplo. Enfim, são depoimentos que relatam a vida miserável de indivíduos que só podem encontrar justificativa para a sua existência nesses documentos atravessados pela onipresença do poder responsável pela produção das mais variadas verdades.

Que a infâmia tenha sido objeto de outros estudos, isto é indiscutível. Encontramos muitos exemplos da sua presença principalmente nos textos literários. Sade, Bataille, Flaubert, só para ilustrar alguns nomes, escreveram sobre personagens absolutamente subversivos aos moldes e padrões morais de suas épocas. Entretanto, não é essa infâmia literária que interessa a Foucault. Neste sentido, o objetivo não é segundo Deleuze, de explorar analiticamente os personagens que, por conta dos seus próprios excessos, alcançaram a notoriedade, mas pelo contrário, trata-se de estudar a infâmia produzida na transversalidade de discursos e práticas.⁷ Ou seja, a questão posta seria a de recolher os relatos que formam um poema do cotidiano muito mais emblemático do que qualquer romance. As poucas frases que sentenciam violentamente todo e qualquer

⁵ “ _____. *Qu'est-ce les Lumières ?*” In: Foucault, Michel. *Dits et Écrits II: 1976 – 1988*, Quarto Gallimard, Paris /França, 2008”.

⁶ Foucault, Michel. “*A Vida dos Homens Infames*” (1977), Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro, In: Foucault, Michel. *Ditos e Escritos IV: estratégia poder-saber*, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2003.

⁷“Deleuze, Gilles, Foucault (1986), Tradução de Claudia Sant’Anna Martins, Brasiliense, São Paulo, 2005”.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

vida desprezível e que torna-se visível no momento em que choca-se contra a luz do poder.

Para construir a composição da vida dos homens infames, Foucault, levou em conta algumas regras. Em primeiro lugar, esses sujeitos deveriam ter realmente existido.⁸ Em segundo lugar, essas existências deveriam ser obscuras e desventuradas. Em terceiro lugar, os relatos sobre essas existências deveriam ser os mais breves possíveis. Em quarto lugar, esses depoimentos e instruções não deveriam confundir-se com histórias estranhas, pois as denúncias e argumentações deveriam possuir relações com a própria existência desses sujeitos. Finalmente, que do choque entre esses discursos e essas existências emergisse um efeito de duplicidade entre a beleza e o terror.

Conforme essas regras sugerem, são as existências reais as únicas responsáveis por esse tipo de infâmia. Ou seja, em todas as sentenças analisadas o objetivo foi o de capturar os nomes de indivíduos que viveram e estão mortos, porém não alcançaram em vida qualquer tipo de glória ou de valor. Essa regra afasta qualquer possibilidade de encontrar nos documentos atos de heroísmo provenientes de uma imaginação literária. O ato de exumação arqueológica deve rastrear somente as vozes que foram silenciadas pelo poder. Da mesma maneira, os textos devem ter sempre uma relação direta com a realidade, permitindo assim a captura do que Foucault chama de *dramaturgia do real*.⁹ Nas breves palavras, mais do que sentenças; tramas compostas pelo silenciamento refletida em um gesto ritualístico do poder que torna evidente a demonstração da ordem social contra qualquer tipo de indesejado.

A infâmia para Foucault está relacionada à obscuridade. Não existe espaço para qualquer ato de bravura.¹⁰ Ela está associada, portanto, a existência que passa sem deixar rastros. Nomes e atitudes que de tão numerosas, perdem-se nos labirintos da vida, sendo-lhes possível deflagrar uma análise somente por conta de um aspecto: *um*

⁸ Foucault, Michel. “A Vida dos Homens Infames” (1977), Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro, In: Foucault, Michel. Ditos e Escritos IV: estratégia poder-saber, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2003.

⁹ Foucault, Michel. “A Vida dos Homens Infames” (1977), Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro, In: Foucault, Michel. Ditos e Escritos IV: estratégia poder-saber, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2003.

¹⁰ Foucault, Michel. “A Vida dos Homens Infames” (1977), Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro, In: Foucault, Michel. Ditos e Escritos IV: estratégia poder-saber, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2003.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

raio de luz que confere um sentido caótico em torno desses sujeitos. Como se por um breve instante, toda essa obscuridade emergisse causando uma fascinação singular. O *raio de luz* é responsável por produzir um efeito que arranca das trevas essas vozes que deveriam permanecer silenciadas, pois no instante em que choca-se com o poder cria uma dobra responsável por permitir com que visualize-se a infâmia.

Neste sentido, podemos afirmar que é o jogo do poder presente nas práticas sociais, o fator responsável pela criação desses atos observáveis pela analítica de um trabalho *arqueogenealógico*. É justamente essa característica que permite a Foucault problematizar a loucura, o corpo e a sexualidade a partir de uma perspectiva que aproxima a proveniência de todos esses acontecimentos como um conjunto de práticas e saberes responsáveis por produzir verdades, tomando o indivíduo como a resultante tanto de uma objetivação pelo poder e pelas práticas discursivas, quanto por um processo de subjetivação relativo à experiência ética.¹¹

O que está em jogo nessa leitura seria a construção de uma cartografia das breves antologias que são capturadas e praticamente aniquiladas pelo poder. Estes rastros estão praticamente esquecidos, exceto pelo fato de que foi o poder que permitiu transparecer esse emaranhado de palavras aparentemente sem sentido. Por conta desse aspecto, podemos compreender que a tarefa de reunir em um texto essas múltiplas vozes, implica construir uma história do silenciamento através das suas rupturas e continuidades em relação às manifestações das estratégias de poder. Primeiro, o cristianismo como prática social responsável por averiguar o dia-a-dia da *ovelha* nos seus mais íntimos detalhes. Por meio da confissão, o sujeito do cristianismo deveria sempre falar de si mesmo não omitindo nenhuma informação. Mesmo as intenções e desejos deveriam fazer-se presentes no seu discurso. Depois na modernidade a partir do Século XVIII, o agenciamento administrativo responsável por fazer operar, sob a forma de inquéritos, relatórios e exames, diversas investigações cujo objetivo é fazer a parecer à verdade. É precisamente nesse momento que a confissão deixa de ser uma prática de mortificação e aperfeiçoamento da alma, para tornar-se um instrumento de punição. Qual a mudança mais significativa entre esse processo inquisitório/cristão e o agenciamento administrativo? O que outrora estava associado a uma única causa: o mal,

¹¹ Foucault, Michel. “A Vida dos Homens Infames” (1977), Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro, In: Foucault, Michel. Ditos e Escritos IV: estratégia poder-saber, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2003.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

agora faz parte de uma intensa rede de discursos, legitimados por inúmeras vozes todas elas articulando saberes e produzindo novos significados para as atrocidades cometidas. O direito, a psiquiatria, a psicologia, o serviço social, enfim, todas as áreas do saber minuciosamente articuladas por meio de seus métodos de revelação da verdade.

Essa infâmia da vida real retratada por Foucault aponta para uma estratégia da sujeição do sujeito perante o poder. Porém, é preciso que se questione: existe um limite que permita a transposição dessa malha? Por que sempre a escolha pelo poder? O trabalho de Foucault ensina-nos que um dos traços fundamentais da sociedade na qual vivemos é a relação imediata que estabelecemos com o poder.¹² Estamos sempre agindo contra a sua dinâmica, pois o poder é o lado intenso da vida na medida em que produz efeitos dos quais podemos ou não resistir. Sendo assim, a infâmia pode ser considerada como uma estratégia de enfrentamento perante os dispositivos fazendo com que a partir da construção dessas breves histórias insurjam-se novos questionamentos e enfrentamentos políticos.

¹² Foucault, Michel. “A Vida dos Homens Infames” (1977), Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro, In: Foucault, Michel. *Ditos e Escritos IV: estratégia poder-saber*, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2003.